



São Paulo, 21 a 23 de Julho de 2014

**Novas Perspectivas
na Pesquisa Contábil**

Avaliação da Qualidade da Pesquisa em Contabilidade: elementos para reflexão

JOSÉ RENATO SENA OLIVEIRA
Universidade Estadual de Feira de Santana

GILBERTO DE ANDRADE MARTINS
Universidade de São Paulo

Avaliação da Qualidade da Pesquisa em Contabilidade: elementos para reflexão

RESUMO

A epistemologia tem, entre suas atribuições, um importante papel de vigilância da qualidade da produção científica. Esta tarefa é posta em prática pela própria comunidade científica, quando pesquisadores das diversas áreas do conhecimento julgam a produção por meio da aceitação (ou não) do que deve ser disseminado nos eventos e periódicos especializados. A revisão pelos pares, de certa maneira, garante validade externa ao conhecimento científico, ou seja, é o reconhecimento da comunidade científica de que aquele conteúdo atende aos requisitos estabelecidos pelos próprios cientistas para ser caracterizado como ciência. A qualidade na pesquisa contábil passa também pela avaliação dos pares, a quem cabe o julgamento do percurso de desenvolvimento da pesquisa, bem como de reconhecer a robustez e relevância dos achados. Este ensaio busca apresentar uma discussão sobre elementos para reflexão na avaliação da qualidade de uma boa pesquisa que influenciam no processo de construção da produção científica. O termo qualidade neste ensaio se refere à adequação entre os objetivos da investigação e o desenho e características de implementação do estudo, como proposto por Valentine (2009). A discussão envolve elementos como: a influência das tradições de pesquisa (paradigmas), os domínios da investigação propostos por Brinberg & McGrath (1985), os grupos de atores envolvidos na avaliação da pesquisa e seus interesses, bem como o desafio de buscar indicadores e critérios para avaliação da qualidade da produção acadêmica, além de atributos de qualidade apresentados na literatura que podem colaborar no julgamento da pesquisa contábil.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa se constitui em uma importante atividade no âmbito das instituições de ensino superior, com o propósito de desenvolver e/ou aperfeiçoar técnicas e estratégias de trabalho e ação nos diversos ramos de atividade, além de constituir-se como algo fundamental para o avanço do conhecimento e construção de soluções para os problemas sociais.

O ambiente institucional de pesquisa no Brasil estabelece padrões mínimos de produtividade, a exemplo das exigências da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) aos docentes vinculados aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, como também das agências de fomento nas concessões de auxílios aos pesquisadores.

Se por um lado esta cobrança incentiva a produção científica nas diversas áreas do conhecimento, por outro, a necessidade de alcançar metas de produtividade pode trazer como efeito a diminuição da qualidade do conhecimento produzido, isto é, no afã de tornar público os resultados de pesquisas desenvolvidas, os cuidados com o rigor científico e a relevância terminam por ficar em segundo plano. Tal situação justifica a realização de estudos que analisem a qualidade da produção científica no país.

Em nível internacional podem-se destacar estudos sobre a pesquisa contábil na visão do progresso, definido como inovação e relevância (Reiter e Williams, 2002), a pesquisa experimental em contabilidade financeira, com o quadro de validade preditiva de Libby, Bloomfield e Nelson (2002), bem como diferentes abordagens na pesquisa em contabilidade gerencial (Baxter e Chua, 2003). No Brasil, estudos de caráter epistemológico centrados em abordagens bibliométricas têm demonstrado aspectos da trajetória metodológica evidenciada em teses e outras publicações nos principais periódicos e eventos (Theóphilo & Iudícibus, 2005; Mendonça Neto, Riccio & Sakata, 2009; Miranda, Azevedo & Martins, 2011). Outros têm abordado a questão ética na pesquisa na área (Andrade, 2011; Antunes et al, 2011).

Para além da caracterização bibliométrica feita com base em relatórios e publicações, a pesquisa deve ser refletida em todo o seu processo de construção e desenvolvimento, desde a concepção inicial do tema a ser investigado, até o relatório submetido à difusão científica. Nesse sentido, é preciso compreender as práticas que podem proporcionar cientificidade e adequabilidade a tais estudos. Outras áreas do conhecimento, a exemplo da Medicina (Kalichman & Plemmons, 2007; Davies & Dodd, 2002) e Educação (Hostetler, 2005) já exploram o conceito de práticas de boa pesquisa nas suas investigações.

Shamoo & Resnik (2003, p. 39) conceituam as práticas de boa pesquisa como regras que os investigadores podem seguir para ajudar a garantir a qualidade, objetividade e integridade dos dados. Para Denscombe (2007) o conceito de boa pesquisa está associado à escolha de estratégias definidas como “adequadas à finalidade”, isto é, algumas estratégias são mais adequadas do que outras para buscar respostas às questões de pesquisa. Na opinião do autor o aspecto crucial para uma boa pesquisa é que as escolhas sejam razoáveis e que estejam explicitadas como parte de qualquer relatório de pesquisa.

A definição do método a ser escolhido para responder à questão de pesquisa, entretanto, é fortemente influenciada pela ontologia e epistemologia do paradigma (ou tradição de pesquisa) adotado pelo pesquisador (Guba & Lincoln, 1994; Pozzebon, 2004).

Na busca de definir qualidade da pesquisa, Valentine (2009, p. 130) afirma que a resposta à pergunta “quais são as características de um estudo de alta qualidade?” depende, em parte, de porque o julgamento está sendo feito, pois diferentes interessados a atribuem diferentes significados. O autor enfatiza que usa o termo qualidade para se referir à adequação entre os objetivos do estudo e o desenho e características de implementação do estudo.

Os atributos de uma boa pesquisa, portanto, envolvem todo o processo de construção da pesquisa, ou seja, a boa pesquisa está focada nos fundamentos e práticas adequados a uma investigação científica, a fim de alcançar a resposta mais apropriada ao problema proposto.

O propósito deste ensaio é apresentar uma discussão sobre elementos para reflexão na avaliação da qualidade de uma boa pesquisa que influenciam no processo de construção da produção científica, notadamente em Ciências Contábeis.

Do ponto de vista prático, este estudo se justifica pela importância da compreensão e análise das práticas de produção científica, com o propósito de avaliar a qualidade da pesquisa. Pode contribuir para redirecionar ações, redefinir práticas e estratégias metodológicas, bem como para facilitar o financiamento de pesquisas na área em função de uma maior aceitabilidade da produção pela comunidade científica.

Ao compreender de forma mais detalhada o processo de construção da produção científica da área contábil e apresentar elementos que colaborem na avaliação da qualidade da pesquisa, espera-se que possa ajudar no processo de autoavaliação do que é produzido. A autoavaliação contribui para a produção de estudos com maior adequação aos critérios de cientificidade, cujo resultado tende a ser maior aceitação nos processos de submissão para publicação nos canais oficiais de disseminação científica (Godoy, 2005). Também pode contribuir para abreviar a duração do processo de submissão, pois tende a diminuir o número de revisões necessárias para a aceitação nos periódicos especializados. Além disso, a melhoria da qualidade da produção científica na área contábil contribui para uma maior possibilidade de inserção nos periódicos internacionais, o que aumenta a relevância da mesma.

2 QUALIDADE DA PESQUISA: ALGUNS ELEMENTOS PARA REFLEXÃO

Para que se reflita sobre elementos na qualidade da pesquisa, é necessário que se busque entender o conceito de epistemologia. Como destacou Japiassu (1992), na realidade atual o conhecimento deve ser visto como um processo e não como algo adquirido, ou seja, há que se falar em conhecimento-processo e não mais em conhecimento-estado, pois o conhecimento está em devir. A epistemologia deve, então, buscar analisar as etapas de estruturação do conhecimento científico, com a percepção de que este não é acabado ou definitivo. Para o autor a epistemologia pode ser conceituada como uma disciplina cuja função é submeter a prática dos cientistas a uma reflexão que toma por objeto uma ciência em seu processo de gênese, formação e estruturação progressiva.

A epistemologia tem um importante papel de vigilância da qualidade da produção científica nas mais diversas áreas do conhecimento. Esta tarefa é posta em prática pela própria comunidade científica, quando pesquisadores julgam a produção por meio da aceitação (ou não) do conteúdo a ser disseminado nos eventos e periódicos especializados. Este julgamento considera a prática do cientista na busca de chegar a um conhecimento que possa ser cientificamente validado e se materializa pela tarefa de revisão pelos pares. Ou seja, busca garantir validade externa à ciência, é o reconhecimento da comunidade científica de que aquele conteúdo atende aos requisitos para ser considerado científico.

A qualidade na pesquisa contábil passa também pela avaliação dos pares, a quem cabe o julgamento do percurso de desenvolvimento da pesquisa, bem como de reconhecer a robustez e relevância dos achados. O processo de julgar a qualidade de um estudo, entretanto, é influenciado por elementos como as tradições de pesquisa (os paradigmas), os atores envolvidos e seus interesses. Também são relevantes os critérios de validade reconhecidos pela comunidade científica.

2.1 A influência das tradições de pesquisa

A literatura trata a construção do conhecimento sob diferentes olhares, sendo um deles o conhecimento científico. André (2001, p. 55), ao explorar a pesquisa em educação, levanta questões acerca da pesquisa científica que podem nortear as indagações sobre esta produção:

- a. O que caracteriza um trabalho científico? Qual a relação entre conhecimentos científicos e outros tipos de conhecimento? São questões referentes aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos.
- b. Como julgar o que é uma boa pesquisa? Quem define esses critérios? São questões relativas aos critérios de avaliação da qualidade dos trabalhos científicos.
- c. Que procedimentos devem ser seguidos para manter o rigor na coleta e análise dos dados? São questões voltadas aos pressupostos dos métodos e técnicas de investigação, tanto em situações que focalizam problemáticas locais quanto nas que abordam um grande número de observações.

Na discussão sobre a qualidade da pesquisa, interessa particularmente as questões b e c apresentadas pela autora, notadamente por buscarem explorar dois aspectos que intitulam o seu artigo: o rigor e a qualidade do conhecimento produzido.

Guba & Lincoln (1994), apontam quatro paradigmas que competem na pesquisa qualitativa: o positivismo, o pós-positivismo, a teoria crítica e o construtivismo. O paradigma é conceituado como um sistema de crença básica ou visão de mundo que orienta o investigador, não apenas nas escolhas do método, mas nos caminhos fundamentais ontológica e epistemologicamente. Questões de método são secundárias à escolha do paradigma, com respectivas ontologia e epistemologia, define o método para responder à questão de pesquisa.

Rynes & Gephart (2004, p. 456) apresentam uma tabela na qual resumem as ideias de três outras obras sobre as tradições de pesquisa:

Tabela 1
Tradições de pesquisa (Rynes & Gephart, 2004)

Tradição	Positivismo e		
	Pós-positivismo	Pesquisa Interpretativa	Crítica Pós-modernismo
Pressupostos sobre a realidade	Realismo: realidade objetiva que pode ser compreendida pelo espelho da ciência: definitiva/probabilística	Relativismo: realidades locais intersubjetivas compostas de significados subjetivo e objetivo: representadas com conceitos de atores	Realismo histórico: realidade material/simbólica moldada por valores e cristalizada ao longo do tempo
Objetivo	Descobrir a verdade	Descrever significados, entendimento.	Descobrir interesses e contradições ocultas: crítica, transformação e emancipação.
Tarefas	Realizar explicação e controle de variáveis: discernir hipóteses verificadas ou hipóteses não falsificadas	Produz descrições de significados dos membros e definições de situação: compreender a construção da realidade	Desenvolver ideias estruturais ou históricas que revelem contradições e permitam emancipação, espaços de vozes silenciadas.
Unidade de análise	Variável	Ação verbal ou não-verbal	Contradições, incidentes críticos, sinais e símbolos.
Métodos foco	Descobrir fatos, compará-los com hipóteses ou proposições	Recuperar e compreender significados localizados, divergências sistemáticas em significado	Compreender a evolução histórica de significados, práticas materiais, contradições, desigualdades.

Fonte: Rynes & Gephart (2004, p. 456). Tradução livre. NT.: Segundo os autores, esta tabela é baseada nas seguintes obras: Gephart (1999), Guba & Lincoln (1994), e Lincoln & Guba (2000).

Para Gephart (1999) o pós-positivismo é uma recente evolução do positivismo e é consistente com o positivismo em assumir que um mundo objetivo existe. No entanto, o pós-positivismo supõe que o mundo não pode ser facilmente apreendido e que as relações de variáveis ou fatos podem ser apenas probabilísticas, não determinísticas. Tem foco na falsificação ao invés da verificação, dada a complexidade dos fenômenos do mundo real.

Ao estudar a condução e avaliação da pesquisa crítica interpretativa, Pozzebon (2004) defende que a existência de diferentes paradigmas (ou tradições de pesquisa) conduz a formas diferentes de se perceber evidências de cientificidade, sendo inadequado utilizar critérios de uma tradição para julgamento de qualidade da pesquisa orientada por outro paradigma.

Quanto à maneira de conduzir a pesquisa, André (2001) destaca a falta de domínio dos pressupostos dos métodos e técnicas, ao citar estudos anteriores que apontam

(...) a fragilidade metodológica dos estudos e pesquisas da área de educação por tomarem porções muito reduzidas da realidade, um número muito limitado de observações e de sujeitos, por utilizarem instrumentos precários nos levantamentos de opinião, por realizarem análises pouco fundamentadas e interpretações sem respaldo teórico. (André, 2001, p. 61)

Tais elementos revelam aspectos que comprometem a qualidade dos estudos, por não cumprirem requisitos do rigor necessário, a fim de dar sustentação e robustez aos achados.

2.2 Qualidade da pesquisa e os três domínios básicos da investigação científica de Brinberg e McGrath

Para Brinberg & McGrath (1985), a pesquisa é basicamente um estudo de relações, ou seja, é sempre feita em termos de relações entre unidades, denominadas pelos autores de elementos unitários. Defendem que a validade não é uma commodity que pode ser comprada com técnicas, mas um estado ideal, um conceito a ser perseguido. Alertam ainda que, na ciência social moderna, o termo validade tem sido relacionado com uma variedade de significados: convergência, correspondência, diferenciação, equivalência, generalidade, repetibilidade, entre outros. No entanto, acreditam que muitos desses significados se aplicam em diferentes estágios do processo de pesquisa.

Dada essa caracterização, os autores apresentam o Esquema da Rede de Validade – ERV (Validity Network Schema – VNS), em que assumem alguns pressupostos:

- **Domínios:** a pesquisa envolve três domínios inter-relacionados, mas analiticamente distintos: o conceitual, o metodológico e o substantivo.
- **Níveis:** com respeito a cada um destes domínios, a pesquisa envolve relações entre elementos dentro de um sistema de imersão, sendo que a natureza dos elementos, as relações e os sistemas se diferem entre cada domínio.
- **Estágios:** o processo completo de pesquisa envolve três grandes estágios (etapas) com vários caminhos.
- **Caminhos:** existem três caminhos alternativos para executar o estágio central do processo de pesquisa. Estes caminhos refletem diferentes estilos de fazer pesquisa e encontrar diferentes questões de validade.

A Figura 1 ilustra o esquema que envolve a ligação dos domínios no desenho da pesquisa, bem como sua relação com os conjuntos de observações e de hipóteses.

**Novas Perspectivas
 na Pesquisa Contábil**

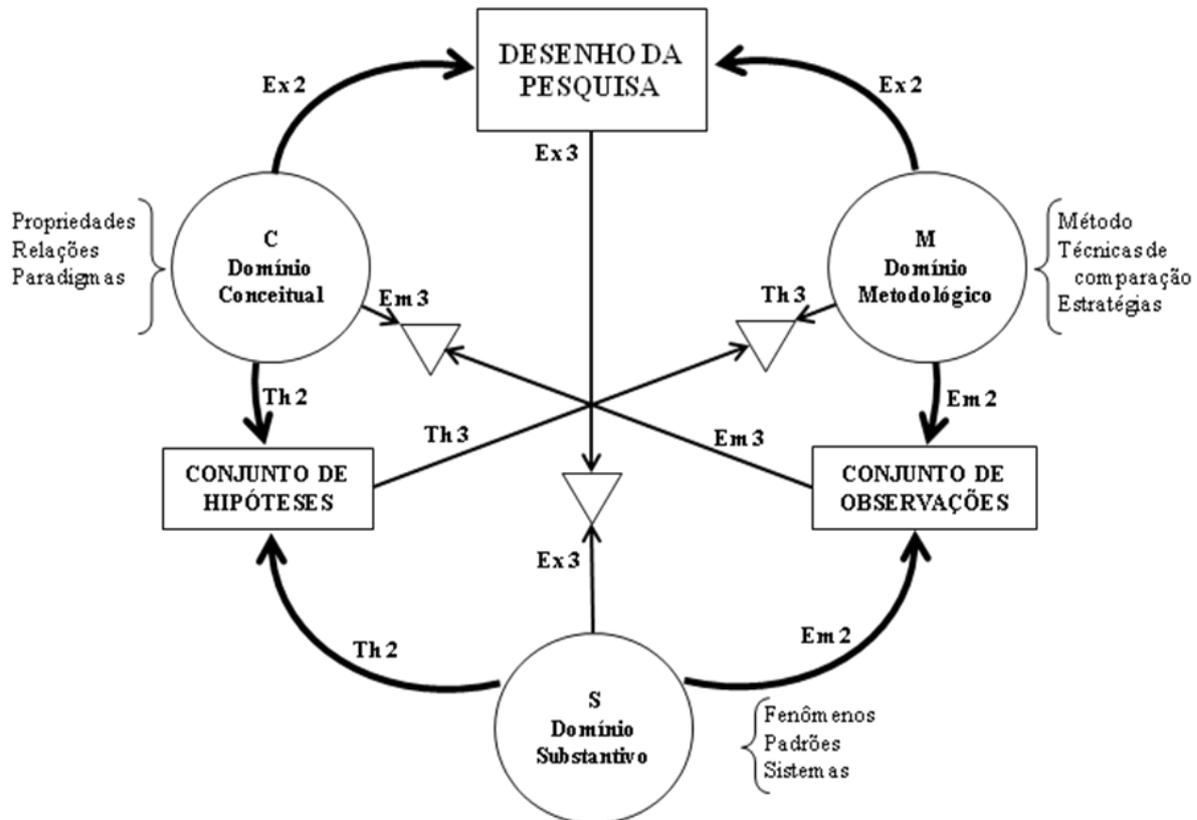


Figura 1: O sistema ERV: domínios, níveis e caminhos. Adaptada de Brinberg & McGrath (1985, p. 22). Tradução livre.

Nessa abordagem integrada, Brinberg (1982), destaca que a investigação científica envolve elementos e relações de três domínios básicos e os caracteriza:

- um domínio conceitual, que inclui conceitos e relações consideradas em forma abstrata;
- um domínio metodológico, que abrange instrumentos e técnicas para a obtenção das observações e para relacionar o conjunto de observações; e
- um domínio substantivo, que abarca eventos, processos e fenômenos do mundo real. Segundo o autor, qualquer projeto de pesquisa deve conter elementos e relações de cada um destes domínios.

Estes domínios são tratados individualmente, de acordo com sua concepção, ao longo da construção do projeto de pesquisa.

O domínio substantivo envolve algum conteúdo que seja de interesse e que mereça ser estudado, um fenômeno específico ou contexto que deve ser entendido e que se materializa no projeto por meio do tema da pesquisa, do interesse de pesquisa e do objeto de pesquisa. Envolve a contextualização e o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa.

Por definição, o domínio conceitual se assenta em relações conceituais que especifiquem a forma de um padrão lógico-causal-temporal entre duas ou mais propriedades do fenômeno estudado. O domínio metodológico, por sua vez, se orienta pela escolha do conjunto de técnicas de coleta e análise dos dados do estudo.

A compreensão destes domínios tem uma função importante no processo de pesquisa, uma vez que demonstram de forma esquematizada as ligações entre as diversas fases de construção da investigação científica. Por exemplo, a formulação do conjunto de hipóteses está baseada entre o domínio substantivo (de forma resumida, o fenômeno de interesse) e o domínio conceitual (a teoria que pode suportar a explicação).

2.3 Qualidade na pesquisa: grupos de atores envolvidos e seus interesses

Flick (2009, p. 19), ao estudar a pesquisa qualitativa, destaca que “(...) a pergunta sobre a qualidade da pesquisa (qualitativa) pode ser feita em quatro níveis diferentes e por quatro diferentes grupos de atores”:

1. O interesse dos pesquisadores em saber o quanto sua pesquisa é boa ou insuficiente;
2. O interesse das instituições de financiamento em avaliar o que deveria ser ou já foi financiado;
3. O interesse dos editores de publicações acadêmicas na decisão sobre o que publicar e o que não publicar;
4. O interesse dos leitores em orientações sobre em qual pesquisa confiar e em qual não confiar.

Os atores interessados no conhecimento têm objetivos distintos quando buscam aspectos meritórios na pesquisa e tais visões não são restritas apenas às pesquisas qualitativas.

Ao discorrer sobre a pesquisa na área de educação, quando traça uma crítica entre a prática e a teoria (os papéis de ator e de investigador, cuja conciliação é relatada como difícil pela autora no fazer ciência ou política de intervenção), André (2001) observa que o rigor é um elemento que não pode ser desconsiderado em qualquer tipo de pesquisa, e destaca:

São tantas as perguntas relevantes que ainda não foram formuladas, tantas as problemáticas que ainda precisamos conhecer, que sobram espaços para todo tipo de investigação, desde que se cuide da sistematização e controle dos dados. Que o trabalho de pesquisa seja devidamente planejado, que os dados sejam coletados mediante procedimentos rigorosos, que a análise seja densa e fundamentada e que o relatório descreva claramente o processo seguido e os resultados alcançados. (André, 2001, p. 57).

Estes passos resumem uma ideia do que se poderia considerar na avaliação da pesquisa sob uma visão epistemológica, ou seja, na vigilância da sua qualidade.

2.4 Qualidade da produção científica: em busca de indicadores e critérios

De acordo com André (2001), as inquietações acerca dos critérios que avaliam a cientificidade de uma produção surgiram a partir do século XIX, quando cientistas sociais passaram a questionar o modelo tradicional de pesquisa que se baseava em critérios clássicos de cientificidade como validade, fidedignidade e generalização, por entenderem que estes não davam conta das novas abordagens de pesquisa, sobretudo dos estudos qualitativos que buscavam compreender os fenômenos humanos e sociais.

A cientometria é um campo cujo objeto de estudo são as medidas e índices de avaliação das pesquisas. Sobre este aspecto, Pinto (2008, p. 64) destaca:

A cientometria tem duas aplicações principais: a primeira está relacionada à avaliação da produção científica para distribuição de verbas para pesquisa.

[...]

Além disso, o desafio de desenvolver critérios de qualidade para orientar os leitores na seleção da melhor evidência científica também vem sendo facilitado pela cientometria.

A primeira aplicação tem sido amplamente utilizada por instituições de fomento e assemelhadas, as quais buscam critérios (medidas) objetivos para a definição de quais projetos devem ser apoiados em suas atividades de financiamento. A segunda busca identificar

publicações de maior relevância científica a partir de determinados critérios. Um exemplo, de acordo com Pinto (2008), é o fator de impacto dos periódicos, anualmente publicado pelo *Institute for Scientific Information* (ISI).

O ISI criou o *Science Citation Index* (SCI), apresentado originalmente em estudo feito por Garfield (1972), a partir da análise de aproximadamente um milhão de citações recebidas por textos publicados em 2.200 periódicos multidisciplinares mundiais em 1969. Assim, o SCI passou a fornecer métricas de avaliação de periódicos de acordo com o fator de impacto, o que contribuiu para que pesquisadores direcionassem a submissão dos resultados de seus estudos para serem publicados nesses periódicos indexados, tidos como de maior relevância.

Os periódicos indexados ao SCI passaram a ter seu fator de impacto calculado e, de acordo com Garfield (1999, p. 979), relatados pelo ISI no *Journal Citation Reports* (JCR). Amin & Mabe (2007) apresentam uma representação gráfica na Figura 2, a qual sumariza o modelo do fator de impacto ISI:

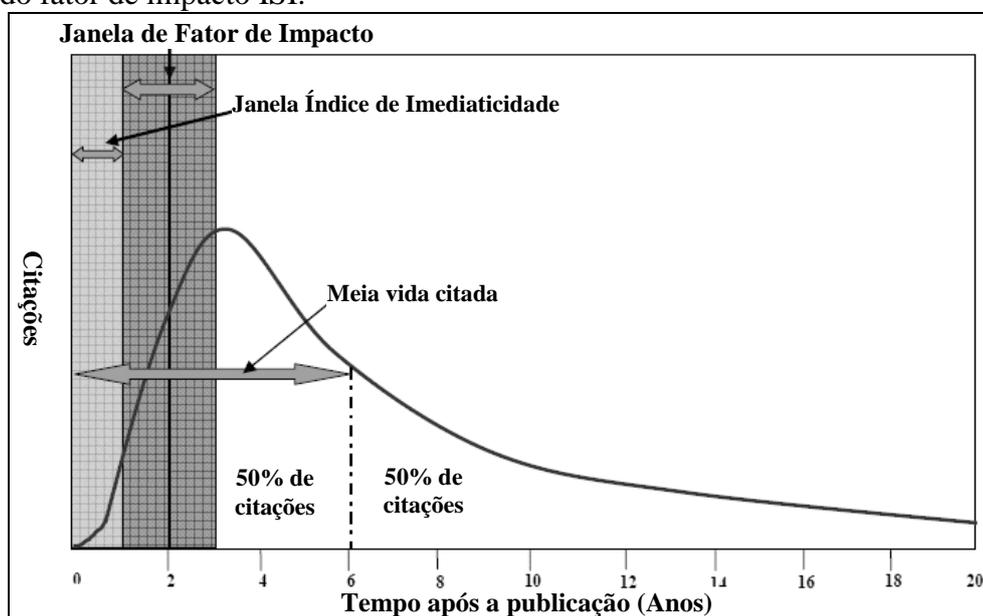


Figura 2: Curva de citação generalizada. Fonte: Amin & Mabe (2007). Tradução livre.

A janela do Índice de imediaticidade equivale ao primeiro ano a partir da publicação do artigo e é descartado no cálculo do fator por ser muito recente para que a comunidade científica tenha tido acesso e usado o texto como subsídio nas pesquisas. A janela do Fator de Impacto considera as citações recebidas nos dois anos seguintes à publicação, nos quais, segundo Amin & Mabe (2007), os artigos recebem a maior quantidade de citações por ano.

De acordo com o modelo, 50% do total de citações recebidas por um artigo ocorrem nos seis primeiros anos após a publicação, sendo que o ponto máximo da curva ocorre ao final do terceiro ano. Assim, com base no estudo de Garfield (1972), o fator de impacto (FI) de um periódico é calculado da seguinte maneira.

FI (Ano 3) =	$\frac{\text{Total de citações recebidas no Ano 3 pelos artigos publicados nos Anos 1 e 2}}{\text{Total de artigos publicados nos Anos 1 e 2}}$
---------------------	---

Pinto (2008) observa que mesmo sendo critérios objetivos de julgamento, estes sofrem críticas pela falta de comparabilidade entre periódicos de diferentes áreas. Textos de áreas mais amplas tendem a receber mais citações, o que, não necessariamente, significará maior qualidade da produção em relação a áreas com números de pesquisadores e estudos menores.

Um exemplo destas críticas ao modelo de contagem de citações para calcular o fator de impacto é apresentado por Le Pair (1995). Embora considere a ferramenta do SCI bastante interessante, na análise de estudos da pesquisa termonuclear e da ciência dos materiais, aponta que há divergência dos textos mais relevantes na visão dos pares e na contagem de citações. Há um *gap* nas citações da ciência aplicada, a exemplo dos trabalhos tecnológicos, os quais lidam com a falta de reconhecimento bibliométrico. Indicadores baseados em citações estão associados a uma noção mais convencional de livros e artigos científicos como fonte de resultados de pesquisas. Os textos de campos cujas descobertas são novas acabam não sendo reconhecidos adequadamente pelo fator de impacto. Dessa forma, afirma ter sérias dúvidas sobre a validade geral do método de fator de impacto, para aplicação a todas as áreas.

Por analogia, situações semelhantes podem ocorrer com os estudos considerados seminais em outros campos do conhecimento, quando a maioria das citações recebidas tende a ocorrer em períodos superiores aos seis primeiros anos após a publicação. Tais trabalhos não seriam reconhecidos adequadamente no modelo de cálculo do fator de impacto apresentado.

O parâmetro utilizado no índice, entretanto, não perde a sua utilidade como critério de avaliação da produção a partir da citação pelos pares.

O índice-H é outro critério de avaliação citado por Pinto (2008, p. 64):

Esta medida é utilizada principalmente para avaliação dos pesquisadores, e reflete tanto o número de publicações, como também o número de citações dos trabalhos. Um cientista com índice-H de X, tem X artigos publicados, com pelo menos X citações para cada artigo.

Do ponto de vista quantitativo o fator de impacto e o índice-H são representações de qualidade da pesquisa, por apresentarem a ressonância da produção científica entre os pares.

Sobre os critérios de validação científica e julgamento voltados às pesquisas qualitativas, André (2001, p. 58) apresenta outros já sugeridos por estudiosos a partir de críticas aos critérios clássicos do modelo tradicional de pesquisa:

Para substituir a validade surge a plausibilidade, no lugar da fidedignidade aparece a credibilidade, e em vez de generalização fala-se em transferência (Lincoln, Guba, 1985). Além desses, surgem outros critérios, como: a triangulação de métodos, sujeitos, perspectivas (Denzin, 1978); a validação pelos pares (Dawson, 1982) e a generalização naturalística (Stake, 1978).

A autora defende que poderiam ser definidos critérios mais gerais e outros mais específicos para cada tipo de estudo, entretanto, que a construção destes deve ser uma “tarefa coletiva e de longo prazo” (André, 2001, p. 58). Os critérios mais gerais para julgar trabalhos científicos apresentados pela autora (André, 2001) podem ser assim resumidos:

- Os trabalhos devem apresentar relevância científica e social, ou seja, estejam inseridos num quadro teórico com evidências da contribuição ao conhecimento já disponível.
- As pesquisas devem ter um objeto bem definido, objetivos ou questões claramente formulados, metodologia adequada aos objetivos e procedimentos metodológicos suficientemente descritos e justificados.
- Análise densa, fundamentada, que apresente afirmações e conclusões sustentadas nos achados e demonstração do que acrescentou ao que já era conhecido.

Quanto aos critérios mais específicos, embora a autora cite alguns aplicáveis à pesquisa etnográfica e à pesquisa-ação, estes dependeriam de cada abordagem ou estratégia de pesquisa, sobretudo nas pesquisas qualitativas construídas/ elaboradas com diferentes formas e técnicas de coleta e análise de dados.

2.5 Categorias de validade, atributos de qualidade de uma boa pesquisa e as boas práticas de pesquisa

Dado o seu caráter subjetivo e valorativo, a definição de boa pesquisa não é tarefa fácil, tampouco consensual. Shamoo & Resnik (2003) destacam que pessoas em posições de liderança em pesquisa podem desempenhar um papel chave no desenvolvimento de uma cultura na qual as atitudes éticas e as práticas de boa pesquisa devem prevalecer. Se os principais investigadores, os gestores, empresas e as agências do governo demonstrarem e tolerarem atitudes antiéticas e práticas pobres de investigação, então estas prevalecerão.

Na visão de Shamoo & Resnik (2003) a cultura de pesquisa (atitudes e comportamentos) dá o tom para a importância da objetividade, qualidade e integridade dos dados e resultados. A percepção destes autores sobre práticas de boa pesquisa, como já mencionado, é que são regras que os pesquisadores podem seguir para ajudar a garantir a qualidade, objetividade e integridade dos dados.

Ao tratar sobre a boa pesquisa social Denscombe (2007) utiliza a expressão “horses for courses”. Em sentido genérico, entendida como o curso/caminho mais adequado, ou seja, há estratégias mais adequadas do que outras para responder às questões de pesquisa. Neste sentido apresenta três aspectos: (1) abordagens são selecionadas porque são apropriadas para tipos específicos de investigação e determinados tipos de problemas. (2) decisões “estratégicas” visam colocar o pesquisador social na melhor posição possível para alcançar o melhor resultado da pesquisa. (3) em boa pesquisa as escolhas são (a) razoáveis e (b) explícitas como parte de qualquer relatório de pesquisa.

Em resumo, a boa pesquisa não se restringe à abordagem ética, mas a um conjunto de aspectos que envolvem o planejamento, a aplicação e os melhores resultados possíveis alcançados dentro de critérios aceitáveis. A abordagem dessas práticas, neste caso, se mostra como uma oportunidade de avaliar criticamente a investigação científica na área contábil.

Para Schwartzman (1988, p. 1) a pesquisa realizada no ambiente universitário deve possuir qualidade e relevância, sob pena de não se justificar sua realização. Na opinião do autor a pesquisa para ser relevante tem que ter qualidade, mas a recíproca não é verdadeira, posto que “... pode ser relevante para coisas muito diferentes uma da outra”. O autor faz a seguinte distinção:

2. A qualidade da pesquisa depende de um conhecimento aprofundado da área de conhecimento, e de sua contribuição inovadora. Na prática, esta qualidade só pode ser aferida através da própria comunidade científica, em seus diversos foros de atuação (revistas científicas, congressos, comissões de avaliação, etc.). Por isto, na prática não existe pesquisa de qualidade sem mecanismos adequados de avaliação por pares.

3. A relevância da pesquisa depende de sua qualidade, mas também de eventuais aplicações a fins científicos, educacionais ou aplicados. A avaliação da relevância científica da pesquisa depende dos próprios cientistas; avaliações de outras formas de relevância requerem a participação de outros setores interessados. (Schwartzman, 1988, p. 1).

Um aspecto a considerar, como destacado, é a importância da avaliação dos pares como um elemento de qualidade da pesquisa. De certa maneira um trabalho julgado e aceito por avaliadores que dominam a temática do mesmo torna-se validado no meio acadêmico, razão pela qual a criação de critérios mais objetivos para direcionar o processo de avaliação pelos pares é uma tarefa importante.

O Escritório de Gabinete do Governo do Reino Unido publicou um relatório intitulado “Quality in qualitative evaluation: a framework for assessing research evidence” (Spencer,

Ritchie, Lewis, & Dillon, 2003) com o objetivo de servir de referência para avaliação concernente ao desenvolvimento e implementação de política social, programas e práticas. O documento, focado na investigação qualitativa, destaca que quatro princípios centrais guiaram o conteúdo da estrutura de avaliação proposta, os quais a pesquisa deve ser (p. 20):

- (a) **Contributória** no avanço mais amplo do conhecimento ou entendimento sobre política, prática, teoria ou um campo substantivo particular;
- (b) **Defensável no desenho** pelo fornecimento de uma estratégia de pesquisa que pode direcionar as questões avaliativas postas;
- (c) **Rigorosa na conduta** através da coleta sistemática a transparente, análise e interpretação de dados qualitativos;
- (d) **Crível nas alegações** através da oferta de argumentos bem fundamentados e plausíveis sobre a significância das evidências geradas.

Embora a própria estrutura explicita que seu escopo foi construído a partir de certas premissas da natureza da investigação qualitativa, os padrões de qualidade que menciona são apresentados em 18 questões centrais em diferentes estágios do processo de pesquisa.

Tabela 2:

Estágios do processo de pesquisa e questões de avaliação do framework

Estágio da pesquisa	Questões de avaliação
Achados	1. Qual a credibilidade dos achados? 2. Como o conhecimento ou o entendimento foi ampliado pela pesquisa? 3. Até que ponto a avaliação aborda seus objetivos originais e finalidade? 4. Quão bom é o escopo para obter maior inferência explicada? 5. Quão clara é a base da avaliação valorativa?
Desenho Amostra	6. Quão defensável é o desenho da pesquisa? 7. Quão bem defendidos são o desenho da amostra e a seleção-alvo de casos/documentos? 8. Composição da amostra/inclusão do caso - quão boa é a cobertura eventual descrita?
Coleta de dados Análise de dados	9. Quão bem foi a coleta de dados realizada? 10. Quão bem foi a abordagem para, e a formulação de, análise foi transmitida? 11. Quão bem são os contextos de fontes de dados acumulados e retratados? 12. Até que ponto a diversidade de perspectiva e conteúdo foram explorados? 13. Até que ponto detalhe, profundidade e complexidade (i.e. riqueza) dos dados foram transmitidas?
Reporte	14. Quão claros estão os links entre dados, interpretação e conclusões – i.e. quão bem podem ser visto o caminho até as conclusões? 15. Quão claro e coerente é o relatório?
Reflexividade e neutralidade	16. Quão claras estão as suposições/perspectivas teóricas/valores que moldaram a forma e saídas da avaliação?
Ética Audibilidade	17. Quais evidências existem de atenção para as questões éticas? 18. Quão adequadamente documentado foi o processo de investigação?

Fonte: adaptada de Spencer, Ritchie, Lewis, & Dillon, 2003. Tradução livre.

Cada uma das questões apresenta seus respectivos indicadores, estruturados para direcionar a avaliação da pesquisa nos diferentes estágios.

A definição (ou a busca) de critérios objetivos e, de certa forma, uniformes para qualificação de uma pesquisa tem sido considerada por agências de fomento para julgamento do que financiar. Flick (2009) já chamava a atenção ao caracterizar as agências como um dos diferentes grupos de atores interessados em observar a qualidade da pesquisa.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), por exemplo, é uma instituição governamental de fomento que publicou seu Código de Boas Práticas

Científicas (Fapesp, 2012), a fim de orientar os pesquisadores e instituições na condução da atividade e pesquisa científicas, caracterizadas como:

Entende-se aqui por atividade científica toda atividade que vise diretamente à concepção e realização de pesquisas científicas, à comunicação de seus resultados, à interação científica entre pesquisadores e à orientação ou supervisão de processos de formação de pesquisadores.

Entende-se aqui por pesquisa científica toda investigação original que vise a contribuir para a constituição de uma ciência. Entende-se por ciência todo corpo racionalmente sistematizado e justificado de conhecimentos, obtido por meio do emprego metódico da observação, experimentação e raciocínio. Essa definição ampla aplica-se às chamadas Ciências Exatas, Naturais e Humanas, bem como às disciplinas tecnológicas e àquelas ordinariamente incluídas entre as chamadas Humanidades. (Fapesp, 2012, p. 9).

A carta de encaminhamento das Boas Práticas Científicas, da Diretoria Científica ao Conselho Superior da referida Fundação, em setembro de 2011 (Fapesp, 2011) evidencia que a intenção é a formação “de uma cultura sólida e bem arraigada de integridade ética da pesquisa”. Para atingir tal objetivo, essa política de boas práticas visava alcançá-las “mediante um conjunto de estratégias de ação assentado sobre três pilares interdependentes: 1) educação; 2) prevenção; 3) investigação e sanção justas e rigorosas.”.

De maneira análoga, a definição de atores interessados (pesquisadores, instituições de financiamento, editores de publicações acadêmicas e leitores) apresentada por Flick (2009) pode ser aplicada às instituições governamentais que têm a atribuição legal de avaliar a qualidade da pós-graduação *stricto sensu*.

A Capes, responsável por esta avaliação no Brasil, tem utilizado métricas, por exemplo, na avaliação de periódicos científicos no sistema Qualis a partir de estratos, sendo que o estrato Qualis/Capes atribuído ao periódico é definido trienalmente. Por conseguinte, a qualidade do Programa de Pós-Graduação avaliada em mesma periodicidade pela CAPES também é influenciada pelo meio de publicação da produção científica de docentes e discentes vinculados ao Programa, a partir do estrato do periódico onde ocorreu tal disseminação.

Estes critérios apresentados pelo órgão regulador são baseados principalmente em elementos de forma dos periódicos, sem foco na avaliação do conteúdo do que é publicado. O documento de área (Capes, 2012, p. 2) já admite que “[...] critérios de processo e de conteúdo deverão ser incluídos na avaliação do próximo triênio, pois os critérios de forma começam a não diferenciar os periódicos”.

Embora definidos a partir de elementos formais, verifica-se que nos critérios dos estratos há elementos de qualidade do conteúdo, a exemplo de avaliação por pares e fatores de impacto H-Scopus e JCR, levados em conta na classificação dos estratos superiores. O que ocorre, neste caso, é que a quantidade de periódicos contábeis brasileiros enquadrados nestes estratos é baixa, o que faz com que a maioria esteja fora desta avaliação que leva em conta os fatores de impacto.

Na pesquisa qualitativa, por sua vez, Godoy (2005) se baseou nos estudos de Merriam (2002) para resumir as quatro características-chave que devem estar presentes nos estudos qualitativos básicos:

1. Compreensão dos significados – visão de mundo das pessoas a partir das experiências vividas;
2. O pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise dos dados;
3. Processo de construção da pesquisa essencialmente indutivo;

4. Resultado expresso por relato descritivo e rico do que o pesquisador aprendeu acerca do fenômeno.

Estas características ou atributos da pesquisa qualitativa resumem os aspectos que permeiam as pesquisas que estudam fenômenos sociais, as quais se diferenciam da forma de desenvolver pesquisas das ciências experimentais. No caso das pesquisas sociais, Godoy (2005) destaca a necessidade de apresentar um detalhamento dos procedimentos de coleta e análise de dados realizados, dada a dificuldade em testar a confiabilidade externa em estudos de natureza social (descobrir os mesmos fenômenos ou construir constructos idênticos baseados em cenários sociais análogos), com os diferentes contextos em que estes ocorrem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser vigilante com a qualidade da produção científica é uma das tarefas da epistemologia. Deve-se ressaltar que há uma defesa de que esta vigilância seja feita pelos pesquisadores da própria área do conhecimento, por dominarem mais profundamente o que é discutido e, assim, poderem avaliar com maior profundidade tanto os aspectos metodológicos como os específicos do campo do saber.

Como se destacou com base na literatura, é inadequado utilizar elementos de diferentes tradições de pesquisa para julgar a qualidade do que se produz, ou seja, utilizar elementos de uma tradição para avaliar um trabalho construído com base em outra. Isto pode influenciar sobremaneira a forma como se julga a produção na área e levar a erros na revisão de pares também por desconhecimento do avaliador. Este aspecto pode comprometer a qualidade da avaliação porque o que prevalece em cada tradição de pesquisa são seus próprios pressupostos, que se diferem ontológica e epistemologicamente.

Outro ponto a considerar, que pode ser decisivo na aceitação de um conteúdo para publicação, é que periódicos assumem um alinhamento com determinada tradição de pesquisa. Cabe ao pesquisador considerar este aspecto ao selecionar um periódico para submissão que esteja em sintonia com a tradição de pesquisa na qual o seu estudo se baseia.

Um ponto para reflexão adicional é que a baixa cientificidade em estudos de determinada do conhecimento pode estar associada ao uso de teorias inadequadas para sustentar a análise do fenômeno estudado, por ter por base um paradigma distinto daquele ao qual a teoria está relacionada. Isto justifica a necessidade de oferta de disciplinas que abordem conhecimentos filosófico, sociológico e epistemológico da ciência no processo de formação de pesquisadores nas diversas áreas, inclusive na área contábil.

No que se refere à avaliação da pesquisa em seu processo do fazer científico, as relações entre os domínios substantivo, conceitual e metodológico apresentados por Brinberg & McGrath (1985) tentam oferecer uma qualidade à mesma, quando vinculam os elementos do processo em suas diversas fases, com links entre fenômeno, teoria para compreensão e método. Esta tríade dos domínios contribui para que se possa ter projetos de pesquisa melhor construídos e, por consequência, maior rigor na condução da pesquisa e maior chance de aceitação pela comunidade científica.

Os grupos de atores envolvidos na avaliação da qualidade da pesquisa têm diferentes interesses no julgamento que realizam sobre a produção científica. Os indicadores e critérios utilizados por estes atores, a exemplo do fator de impacto de periódicos, são estratégias encontradas para estabelecer parâmetros comparativos nas concessões de financiamento da pesquisa ou na priorização do periódico para onde direcionar um artigo científico, por exemplo. Pensar nestes indicadores e critérios, de maneira que permitam contemplar e comparar as diferentes áreas, bem como as variadas vertentes de como fazer pesquisa, é um desafio para a comunidade científica. A qualidade dos indicadores deve ser motivo de

reflexão, a fim de melhor subsidiar as políticas institucionais de órgãos de fomento e de avaliação de programas de pós-graduação.

Nesta direção, os atributos de qualidade de uma boa pesquisa devem ser ponto de preocupação dos pesquisadores, para melhorar cada vez mais seus estudos, bem como colaborar no julgamento da pesquisa contábil.

Futuramente, espera-se apresentar bases de uma abordagem teórico-conceitual dos atributos de uma boa pesquisa para o julgamento da qualidade da produção científica em Ciências Contábeis, a fim de contribuir com o processo de construção da pesquisa de maneira a obter maior aceitação, considerando o rigor e a relevância da mesma.

4 REFERÊNCIAS

- Amin, M, & Mabe, M. (2007). Impact factors: use and abuse. *Perspectives in Publishing*, n. 1, oct. 2000. Reissued with minor revisions October.
- Andrade, J. X. (2011) *Má conduta na pesquisa em ciências contábeis*. 123 f. Tese (Doutorado em Ciências Contábeis: controladoria e contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- André, M. (2001) Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. *Caderno de pesquisa*. n. 113 p. 51-64, jul. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n113/a03n113.pdf>>. Acesso em: 04 mai. 2012.
- Antunes, M. T. P., Mendonça Neto, O. R. de, Oyadomari, J. C. T, & Okimura, R. T. (2011). Conduta ética dos pesquisadores em contabilidade: diferenças entre a crença e a práxis. *Revista Contabilidade & Finanças*, 22(57), 319-337.
- Baxter, J, & Chua, W. F, (2003) Alternative management accounting research – whence and whither. *Accounting, Organizations and Society*. v. 28 p. 97–126.
- Brinberg, D. (1982) , "Validity Concepts in Research: an Integrative Approach", in *NA - Advances in Consumer Research*. Volume 09, eds. Andrew Mitchell, Ann Abor, MI: Association for Consumer Research, Pages: 40-44.
- Brinberg, D., & McGrath, J. E. (1985). *Validity and the research process*. Third printing, 1989. Sage Publications, Newbury Park, Califórnia.
- Capes. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2012). *Comunicado nº 002/2012: área de administração, ciências contábeis e turismo: atualização do webqualis da área*. Disponível em:
<http://qualis.capes.gov.br/arquivos/avaliacao/webqualis/criterios2010_2012/Criterios_Qualis_2011_27.pdf>. Acesso em: 08 mai. 2012.
- Davies, D., & Dodd, J. (2002) Qualitative research and the question of rigor. *Qualitative Health Research*, Vol. 12 No. 2, February. p. 279-289.
- Denscombe, M. (2007) *The good research guide: for small-scale social research projects*. 3rd ed. London: McGraw-Hill.
- Fapesp. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. (2011). *Boas práticas científicas*. Carta de encaminhamento da Diretoria Científica ao Conselho Superior da FAPESP. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/6579>>. Acesso em 08 jan. 2013.
- _____. (2012). *Código de boas práticas científicas*. Disponível em:
<http://www.fapesp.br/boaspraticas/FAPESP-Codigo_de_Boas_Praticas_Cientificas_jun2012.pdf>. Acesso em 08 jan. 2013.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e revisão técnica Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed (Coleção Pesquisa Qualitativa, coordenada por Uwe Flick).
- Garfield, E. (1972). Citation analysis as a tool in journal evaluation. *Essays of an Information*

- Scientist*, Vol 1, p. 527-544, 1962-73. Disponível em:
<<http://www.elshami.com/Terms/I/impact%20factor-Garfield.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2012.
- Garfield, E. (1999). Editoriais. Journal impact factor: a brief review. *CMAJ. Canadian Medical Association*, v. 161, n. 8, p. 979-980, oct.
- Gephart, R. (1999) "Paradigms and research methods". *Research Methods Forum*, Vol. 4 (Summer 1999). Disponível em:
http://division.aonline.org/rm/1999_RMD_Forum_Paradigms_and_Research_Methods.htm
- Godoy, A. S. (2005). Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. *Gestão.Org*, Universidade Federal de Pernambuco. v. 3, n. 2, mai./ago. 2005. Disponível em:
<<http://www.ufpe.br/gestaoorg/index.php/gestao/article/viewArticle/136>>. Acesso em: 04 mai. 2012.
- Guba, E. & Lincoln, Y.S., (1994). *Competing paradigms in qualitative research*, in Handbook of Qualitative Research, Denzin, N. K., 1994, (105-117).
- Hostetler, K. (2005) What Is "Good" Education Research? *Educational Researcher*. n. 34: August/September, p. 16-22.
- Kalichman, M. W., & Plemmons, D. K. (2007) Reported goals for responsible conduct of research courses. *Academic Medicine*, Vol. 82, No. 9 / September 2007.
- Japiassu, H. *Introdução ao pensamento epistemológico*. 6. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- Le Pair, C. (1995) Formal evaluation methods: their utility and limitations. *International Forum on Information and Documentation*. 20(4), 16-24.
- Libby, R., Bloomfield, R., & Nelson, M. W. (2002) Experimental research in financial accounting. *Accounting, Organizations and Society*. 27, pp. 775-810.
- Mendonça Neto, O. R., Riccio, E. L., & Sakata, M. C. G. (2009) Dez anos de pesquisa contábil no Brasil: análise dos trabalhos apresentados nos ENANPADs de 1996 a 2005. *Rev. adm. empres.* vol. 49 no.1 São Paulo Jan./Mar.
- Miranda, G. J., Azevedo, R. F. L., & Martins, G. D. A. (2011). Teses das Teses em Contabilidade na USP. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 5(2), 22-43.
- Pinto, L. A. (2008). Cientometria: é possível avaliar a qualidade da pesquisa científica? (Editorial) – *Scientia Medica*, Porto Alegre, v. 18. n. 2 p.64-65. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scientiamedica/article/view/3637/3016>>. Acesso em: 04 mai. 2012.
- Pozzebon, M. (2004). "Conducting and evaluating critical interpretive research: examining criteria as a key component in building a research tradition". In: *Information Systems Research: Relevant Theory and Informed Practice*. Ed. Kaplan, B. et al., London: Kluwer Academic Publishers, 2004, Chapter 16, pp. 275-292.
- Reiter, S. A., & Williams, P. F. (2002). The structure and progressivity of accounting research: the crisis in the academy revisited. *Accounting, Organizations and Society*, 27(6), 575-607.
- Rynes, S., & Gephart Jr, R. (2004). From the editors. *Academy of Management Journal*, 47(4), 454-462.
- Schwartzman, S. (1988). *Qualidade e relevância da pesquisa universitária: 10 teses para discussão*. Texto preparado para o Segundo Simpósio da Reunião Anual da SBPC, São Paulo, 12 de julho de 1988. Disponível em:
<<http://www.schwartzman.org.br/simon/10teses.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2012.

**Novas Perspectivas
na Pesquisa Contábil**

- Shamoo, A. E., & Resnik, D. B. (2003). *Responsible conduct of research*. Oxford University Press Inc.
- Spencer L, Ritchie J, Lewis J, Dillon L (2003). *Quality in qualitative evaluation: a framework for assessing research evidence*. London: Cabinet Office, National Centre for Social Research.
- Theóphilo, C. R. & Iudícibus, S. de. (2005). Uma análise crítico-epistemológica da produção científica em contabilidade no Brasil. *UnB Contábil*, Brasília, vol. 8, no 2, Jul/Dez.
- Valentine, J. C. (2009). Judging the quality of primary research. In: Cooper, H, Hedges, L. V, & Valentine, J. C. *The handbook of research synthesis and meta-analysis*. 2nd ed. Russell Sage Foundation. New York, Chapter 7, pp. 129-146.